



# ESCRITA DA HISTÓRIA E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

**CRISTINA FREIRE**  
organizadora

# ESCRITA DA HISTÓRIA

E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

**X Congresso Internacional de Estética e História da Arte**  
**Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate**

**Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte**

**Comitê Científico**

Cristina Freire (MAC USP / PGEHA USP)  
Lisbeth Rebollo Gonçalves (ECA USP / PGEHA USP)  
Edson Leite (MAC USP / PGEHA USP)  
Vera Pallamin (FAU USP / PGEHA USP)

**Comissão Geral do Congresso**

Águida Furtado Vieira Mantegna  
Andrea de Lima Lopes Pacheco  
Guilherme Weffort Rodolfo  
Joana D'Arc Ramos Silva Figueiredo  
Paulo Cesar Lisbôa Marquezini  
Sara Vieira Valbon

**Apoio**

Universidade de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte – PGEHA USP  
Museu de Arte Contemporânea – MAC USP  
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo – PRCEU  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

**GEACC - Grupo de Estudos em Arte Conceitual e Conceitualismos no Museu**  
**CALT - Cultura e Arte no Lazer e Turismo**

# ESCRITA DA HISTÓRIA

E (RE)CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

ARTE E ARQUIVOS EM DEBATE

**CRISTINA FREIRE**  
organizadora



São Paulo 2016

© – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo

Rua da Praça do Relógio, 160 – Anexo – sala 01  
05508-050 – Cidade Universitária – São Paulo/SP – Brasil

Tel.: (11) 3091.3327

e-mail: pgeha@usp.br - www.usp.br/pgeha

Depósito Legal – Biblioteca Nacional

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Lourival Gomes Machado do  
Museu de Arte Contemporânea da USP

---

Congresso Internacional de Estética e História da Arte (10., 2016, São Paulo) .

Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate / organização Cristina Freire. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2016.

374 p. ; il.

ISBN 978-85-7229-074-6

1. Estética (Arte). 2. História da Arte. 3. Arquivos de Arte. I. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Estética e História de Arte. II. Freire, Cristina.

CDD – 701.17

---

*Fotografia capa:* Fernando Piola

*Tradução dos textos de Ticio Escobar, Sebastián Vidal Valenzuela, Fernando Davis,  
Daniella Carvalho e Claudia Rojas:* Maria Cristina Caponero

*Revisão de textos:* André Henriques Fernandes Oliveira

*Produção editorial:* Águida Furtado Vieira Mantegna, Paulo Cesar Lisboa Marquezini e Sara Vieira Valbon

*Organização:* Cristina Freire

---

Publicação do X Congresso Internacional de Estética e História da Arte - Escrita da história e (re)construção das memórias : arte e arquivos em debate, realizado nos dias 24 a 27 de outubro de 2016 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História de Arte / Universidade de São Paulo.

# MEMÓRIA E IDENTIDADE DA CIDADE DE SÃO PAULO NA ARTE PÚBLICA DE MARIA BONOMI

LEONARDO PUJATTI<sup>1</sup>

EDSON LEITE<sup>2</sup>

Se em outras épocas a arte já foi entendida como uma imagem da realidade, para a qual a história da arte oferecia uma moldura, na contemporaneidade ela já escapou desta moldura. Kosuth (1975) defende que a questão da função da arte foi levantada em primeiro lugar por Marcel Duchamp. Pode-se, certamente, observar uma tendência a esta autoidentificação da arte a partir de Manet e Cézanne e através do Cubismo, mas suas obras são tímidas e ambíguas em comparação com o trabalho de Duchamp. A arte “moderna” e o trabalho anterior parecem estar ligados por sua morfologia. Em outras palavras, a “linguagem” da arte permanecia a mesma, mas estava dizendo coisas novas.

A memória inscreve as lembranças contra o esquecimento e cria sentimentos de pertencimento e identidade para que as futuras gerações tomem conhecimento. Memória e identidade cultural reforçam-se mutuamente para que se possa distinguir o que une e o que divide um grupo social contribuindo, desta maneira, para a formação da cidadania. A arte pública produzida pela artista plástica Maria Bonomi realiza, como veremos a seguir, a mediação da arte com a memória da cidade e propicia a identidade cultural e o sentimento de pertencimento dos cidadãos.

## A ARTISTA MARIA BONOMI

Maria Bonomi é gravadora, escultora, pintora, muralista, curadora, figurinista, cenógrafa, professora e um dos nomes de maior expressão das artes plásticas no

- 
1. **Leonardo Pujatti.** Mestre em Engenharia da Computação pela Escola Politécnica da USP (Poli-USP) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).
  2. **Edson Roberto Leite.** Professor titular do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC USP) e docente no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da USP (PGEHA USP).

Brasil. Tem grande projeção internacional, comprovada pelos vários prêmios conquistados. Bonomi realizou exposições individuais no Brasil e no exterior e tem coleções em vários museus pelo mundo, como o Museum Art, de Nova Iorque; o Museu do Vaticano, em Roma; o Museu Bezelel, de Jerusalém; e o Museu de Arte Moderna, de São Paulo.

A artista Maria Bonomi nasceu em Meina, na Itália, em 1935; de pai italiano e mãe brasileira, radicou-se em São Paulo ainda criança. Por sugestão de Lasar Segall, estudou desenho e pintura com Yolanda Mohalyi e Karl Plattner e gravura com Lívio Abramo e começou a expor em 1952. Posteriormente, no Pratt Institute Graphics Center, estudou com Seong Moy e Fritz Eichenberg e, retornando ao Brasil, frequentou a oficina de gravura em metal de Johnny Friedlaender no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Nos anos 60, Maria Bonomi foi convidada por Lívio Abramo para fundar com ele, na Alameda Glette, em São Paulo, o *Estúdio Gravura*, um ateliê experimental para o ensino de gravura em madeira e metal e para as pesquisas artísticas. Esse centro serviu para a formação de numerosos artistas contemporâneos. Em 1965, Bonomi recebeu o Prêmio de Melhor Gravador na VIII Bienal de São Paulo e, com a repercussão dessa premiação, foi convidada para mostras no Brasil e no exterior. Em Paris, na Bienal dos Jovens, foi informada de que não poderia mostrar seus trabalhos, uma vez que eles não caberiam nas mesas e vitrines destinadas para a gravura. Depois de muita discussão baseada principalmente no argumento de que se a pintura saíra do cavalete e a escultura do pedestal, “por que a gravura tinha que ficar nas mesinhas?” (BONOMI, in LAUDANNA, 2007, p. 73), Bonomi conseguiu “ir para as paredes” e ganhou o Prêmio de Gravura nesta V Bienal de Paris, em 1968.

A xilogravura para Bonomi “é uma linguagem mais fiel para externar o pensamento” (BONOMI, in LAUDANNA, 2007, p. 104). A artista completa esta ideia explicando: “quero romper com o preconceito de que a gravura é uma arte intimista, voltada para dentro de si mesma. Ela é um meio de comunicação que pode ser usado com grande penetração, se encontrar uma linguagem de força.” (BONOMI, in LAUDANNA, 2007, p. 158)

Bonomi defendeu tese de doutorado na Escola de Comunicações e Artes da USP em 1999 com o tema *Arte Pública. Sistema Expressivo/Anterioridade* e obteve destaque com os grandes trabalhos realizados para murais em espaços públicos, especialmente na cidade de São Paulo. Na década de 70, a artista inicia sua intervenção em espaços públicos possibilitando a valorização do espaço urbano e o resgate do olhar da população (OLIVEIRA, 2008) em espaços fora de museus e galerias.

### ARTE PÚBLICA DE MARIA BONOMI

A arte pública marcou um ponto de inflexão na trajetória de Maria Bonomi, mais conhecida então como gravadora e cenógrafa. Ela já realizou mais de quarenta

obras nessa vertente, grandes instalações tridimensionais que se incorporam à arquitetura de forma surpreendente, instaladas no Brasil e no exterior, com a maior parte delas na cidade de São Paulo. As obras e os espaços envolvem apropriações, objetos e ações que remetem a reflexões e transformações dinâmicas que podem ser entendidas como extensão de criações, vivências, aproximações e interatividade com o dia a dia das pessoas. Estas obras são projetadas para um local específico (*site specific*), formando uma união indissolúvel entre espaço e obra, reafirmando o caráter lúdico e experimental que prevê a interatividade e mediações do público. Comentaremos, a seguir, algumas das obras públicas mais significativas de Maria Bonomi instaladas na Cidade de São Paulo.

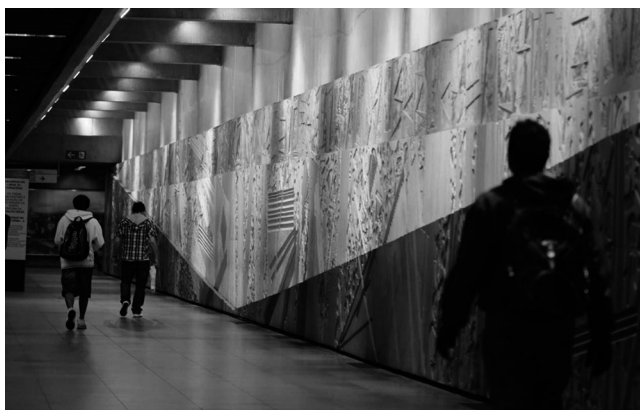


Figura 1 – Epopeia Paulista

Maria Bonomi. 2005 - concreto pigmentado, 7300 x 300cm - estação de metrô Luz, São Paulo.

Fonte: <<http://www.mariabonomi.com.br/obras-arte-publica.asp?pa=2&mt=3>> Acessado em 30/11/15

A obra *Epopéia Paulista* foi concebida para o grande espaço público que faz a ligação entre o metrô e a rede ferroviária na Luz, em São Paulo. Para a confecção de *Epopéia Paulista*, Bonomi utilizou materiais recolhidos na *seção de achados e perdidos* da Estação da Luz. Aí se incluem roupas, ferramentas, óculos, instrumentos musicais, brinquedos etc. numa opção inspirada na literatura de cordel. “Esse conjunto que mescla pessoas, narrativas e objetos compõe a memória ‘coisificada’ e ‘res-significada’ impregnada no painel” (OLIVEIRA, 2008, p. 107). Nascida da mescla de diferentes matrizes da população, *Epopéia Paulista* mistura o popular e o erudito e “luta contra a amnésia coletiva através das imagens porque relembra as origens de cada um” (OLIVEIRA, 2008, p. 109).



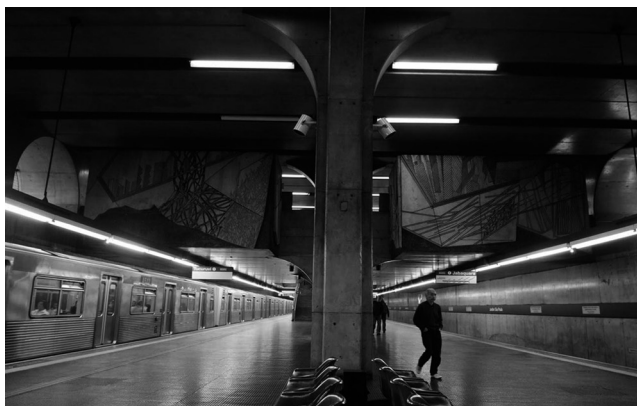


Figura 2 - A Construção de São Paulo

Maria Bonomi. 1998 - concreto, duas faces de 300 x 600 cm por duas faces de 270 x 300 cm cada - estação de metrô Jardim São Paulo, São Paulo.

Fonte: <<http://www.mariabonomi.com.br/obras-arte-publica.asp?pa=3&mt=3>> Acessado em 30/11/15

Em *A Construção de São Paulo*, de 1998, Maria Bonomi cria dois cubos de concreto na Estação Metrô Jardim São Paulo para evocar a imagem do Pico do Jaraguá e cenas da grande metrópole paulistana. As faces dos cubos possuem relevos modulados de concreto gravado, como se fossem rabiscos feitos a lápis grosso e placas de concreto justapostas, com recortes geométricos que indicam “perspectivas sufocadas por ruas febris, esquinas duvidosas, feéricas alturas que mal se avistam” (BONOMI, 1998).



Figura 3 - Etnias – Do primeiro e sempre Brasil

Maria Bonomi. 2008. Cerâmica, bronze e alumínio. Dimensões: 25 m X 10 m. Instalação permanente no Memorial da América Latina, estação de metrô Barra Funda, São Paulo.

Fonte: <<http://www.terra.com.br/istoe-temp/edicoes/1996/imprime71548.htm>> Acessado em 30/11/15

*Etnias do Primeiro e Sempre Brasil* – painel em placas dispostas paralelamente, formando um corredor de trinta metros de comprimento e onde foram utilizadas mais de dez toneladas de matéria-prima, que apresenta a história dos índios brasilei-

ros e todo o processo de aculturação e destruição de que foram acometidos ao longo de quinhentos anos de história – foi instalado, em 2008, na passagem subterrânea entre o memorial da América Latina e a estação Barra Funda do Metrô. A obra é formada por painéis de cerâmica, bronze e alumínio. As cerâmicas são de Antônio Nóbrega e Adolfo Morales. Colaboraram para a realização dessa obra os artistas Carlos Pereañez e Leonardo Ceolin. Maria Bonomi assina a criação e a coordenação geral do projeto e contou com apoio na arquitetura e logística de Rodrigo Velazco, além da participação em sua equipe de índios das aldeias localizadas na Área de Proteção Ambiental Capivari-Monos, em São Paulo.

Além do contato com os índios que fizeram parte de sua equipe e do que ela já conhecia sobre o assunto, Bonomi recorreu aos escritos de Darcy Ribeiro e dos irmãos Villas Boas e à iconografia de Debret e Rugendas para formar seu entendimento conceitual e apresentar o percurso da obra em três fases: a primeira pode ser denominada de “arqueológico”, quando usa apenas o barro para mostrar a terra *brasilis* antes da chegada dos europeus, evocando a mata, as cavernas, pinturas rupestres, os padrões indígenas, animais etc.; a segunda, em que aborda os índios e os conquistadores, usa o bronze para evocar as caravelas, as armas de fogo, os sinos, as missões etc.; e a terceira, em alumínio, quando remete à presença indígena na contemporaneidade, como na construção de Brasília, por exemplo. Mais que uma experiência contemplativa, o público diário de aproximadamente trinta mil pessoas, pode passar pelos espaços vazios entre as placas maciças que por meio de espelhos se transformam em espaços de interação física com a história.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Bonomi trabalha com uma estética expandida do visual, utilizando a gravura, a padronagem de tecidos, a fachada de prédios ou a capa de livros para se expressar artisticamente. Certamente, Bonomi enfrentou dificuldades por ser mulher nascida no exterior e por trabalhar com a técnica mais antiga e menos divulgada da gravura, mas essas dificuldades estimularam sua ideia de que a cidade pode conviver com indagações, desafios e processos criativos. Sua biografia demonstra que trabalha com energia, produzindo uma arte colossal que com um inesperado sopro de vida se projeta em imagens, esculturas e na arquitetura. Podemos nos sentir assombrados pelo passado, pelas citações bizarras que utilizam elementos do cotidiano buscados num “achados e perdidos”, mas seremos revigorados pela beleza da composição artística e pela ocupação estética do espaço público.

As obras de Maria Bonomi nos remetem a camadas de tempo e memória. São convite à reflexão e potencializam a imaginação e as mediações simbólicas. Bonomi usa sua arte para nos persuadir, registrando a sua história, a da cidade e a das pessoas que vivem e viveram nela constituindo, portanto, uma biografia de si e do outro através das imagens que produz.

## REFERÊNCIAS

BONOMI, Maria. **Bloco de Processo**. N. 1. Painel: “Construção de São Paulo”. Estação do metrô Jardim São Paulo. Anotado por Jacob Klintowitz, São Paulo, abril de 1998.

KOSUTH, Joseph. Arte depois da filosofia. In: **Malasartes**, Rio de Janeiro, n. 1, set-nov, 1975.

LAUDANNA, Mayra (Org.). **Maria Bonomi**: da gravura à arte pública. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. **Poética da Memória**: Maria Bonomi e epopéia paulista 2008. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.